

Gênero, corpo e sexualidade: fotografias de práticas de educação física na imprensa ilustrada no Brasil durante as primeiras décadas do século XX

Gender, body and sexuality: photographs of physical education practices on illustrated press in Brazil during the first decades of the XX century

■ Maria Augusta Martiarena de Oliveira e Rita de Cássia Grecco dos Santos

Resumo

Durante as primeiras décadas do século XX, o Brasil viveu um momento de afirmação do regime republicano, a classe governante dirigiu os seus esforços para a formação do “cidadão”, com o intuito de realizar uma uniformização ao mesmo tempo em que as diferenças sociais oriundas do Império e agravadas na República tornavam-se mais evidentes, notadamente pela tendência a “urbanizar”, “sanear” e “higienizar” a população. O presente trabalho objetiva analisar como as práticas de Educação Física eram divulgadas na imprensa ilustrada durante as primeiras décadas do século XX, com o intuito de perceber os discursos de gênero, corpo e sexualidade presentes nessas imagens. A escolha de tal recorte temporal deve-se ao fato de que as revistas ilustradas ganharam muito espaço na cena nacional a partir do final do século XIX e início do século XX, logo, optou-se por utilizar publicações como a Revista Fon-Fon e a Revista Ilustração Pelotense.

Palavras-chave:

Gênero; Corpo e Sexualidade; Revistas Ilustradas; Primeira República.

Abstract

During the first decades of the twentieth century, Brazil lived a moment of the republican regime affirmation, the ruling class directed their efforts towards the formation of the "citizen", with the intention of achieving a uniformity at the same time that the social differences arising of the Empire and aggravated in the Republic became more evident, notably by the tendency to "urbanize", "sanitize" and "keep hygiene" the population. The present paper aims to analyze how the practices of Physical Education were divulged in the illustrated press during the first decades of the twentieth century, in order to perceive the discourses of gender, body and sexuality present in these images. The choice of this temporal cut is due to the fact that the illustrated magazines gained a lot of space in the national scene from the end of the 19th century and beginning of the 20th century, so it was decided to use publications such as the Fon-Fon Magazine and the Ilustração Pelotense Magazine.

Key-words

Gender; Body and Sexuality; Illustrated Magazines; First Republic.

Introdução¹

Gênero, corpo e sexualidade são temas passíveis de historicização. Tal afirmação baseia-se no fato de que é possível perceber que historicamente se constroem, se afirmam e se transformam noções de corporeidade, gênero e sexualidade. Muitos são os matizes e documentos possíveis de interpretação. Logo, faz-se necessário definir recortes e limites.

O presente estudo dedica-se ao estudo de fotografias publicadas na imprensa ilustrada, as quais retratavam práticas de Educação Física. Entende-se que essa disciplina escolar se constituía em espaço disseminador de ideários sobre masculino e feminino, corpos e mesmo sexualidade.

Os documentos escolhidos para análise foram extraídos de revistas publicadas nas primeiras décadas do século XX (1900 a 1930). Nesse período, a imprensa ilustrada contou com inúmeras publicações, o que se viabiliza uma fonte inestimável de investigação. Destaca-se, ainda, a preocupação higienista presente nesse período.

Nesse momento de afirmação do regime republicano, a classe governante dirigiu os seus esforços para a formação do “cidadão”, com o intuito de realizar uma uniformização ao mesmo tempo em que as diferenças sociais oriundas do Império mantinham-se evidentes, notadamente pela tendência a “urbanizar”, “sanear” e “higienizar” a população, destinando lugares para determinados grupos e realizando uma seleção/exclusão dos habitantes.

O presente trabalho objetiva analisar como as práticas de Educação Física eram divulgadas na imprensa ilustrada durante as primeiras décadas do século XX, com o intuito de perceber os discursos de gênero, corpo e sexualidade presentes nessas imagens. Dessa forma, o tema proposto relaciona-se ao estudo da corporeidade e de práticas de Educação Física entre 1900 e 1930. Para a sua realização, utilizou-se como documentos de investigação a Revista Fon-Fon, de circulação nacional e uma revista de circulação regional: a Revista Ilustração Pelotense, publicada na região sul do Brasil.

Tendo em vista que o presente estudo se desenvolve a partir da utilização de fotografias como documentos de pesquisa, torna-se necessário promover uma fundamentação teórica e metodológica. Nesse sentido, o presente estudo iniciou-se com a seleção das revistas anteriormente mencionadas. Optou-se, como pode ser percebido, por trabalhar com uma revista de circulação nacional e com uma de circulação regional, com o intuito de perceber se havia ou não uma diferença entre as compreensões das categorias propostas para a investigação. Após a seleção das revistas, iniciou-se o processo de identificação das fotografias que se dedicavam a retratar práticas de Educação Física. Reconhecido o corpus documental, identificou-se, por meio de planilhas, a revista, o seu número, a legenda e o espaço que a imagem ocupava na publicação.

Deve-se ter em conta que, atualmente, as fotografias ocupam espaços de protagonistas em pesquisas nas áreas de História e História da Educação. Nesse sentido: “[...] o papel assumido pelas

¹ Este artigo é derivado de uma comunicação oral apresentada no âmbito do painel “Pedagogías de la(s) sexualidad(es): tradiciones, divergencias y experiencias en Latinoamérica”, no Eixo 7 - “Presencias “invisibles” en la historia de la educación: estudios de género, etnia y religión”, do XIII Congresso Ibero Americano de História da Educação Latino Americana.

imagens tem revelado distintas possibilidades de abordagem e de tratamento do material visual nos domínios da História” (MAUAD, 2011, p. 109).

Para Flüsser (2002), imagens são superfícies que pretendem representar algo que se encontra no espaço e no tempo. Entende-se, dessa forma, que as fotografias são uma representação da realidade, mas não a realidade em si, sem qualquer forma de escolha e julgamento. As fotografias são recortes bidimensionais da realidade, pautadas por seleções e intencionalidade.

Nesse sentido, Burke (2004, p. 29) informa-nos que: “[...] a expressão “câmera inocente”, cunhada na década de 1920, levanta um aspecto genuíno, embora a câmera tenha de ser empunhada por alguém e alguns fotógrafos sejam mais inocentes que outros”. Tal característica se perdeu a partir do momento em que os historiadores definiram métodos para o tratamento e análise das imagens fotográficas.

Deve-se ter em conta, que as fotografias utilizadas foram extraídas da imprensa, logo, são imagens públicas, as quais foram divulgadas com intencionalidades específicas. Tendo-se em consideração tal especificidade, concorda-se com Borges (2003), a qual compreende que longe de ser um documento neutro, a fotografia cria novas formas de documentar a vida em sociedade. Para essa autora, mais que a palavra escrita, o desenho e a pintura, a pretensa objetividade da imagem fotográfica, veiculada nos jornais, não apenas informa o leitor – sobre datas, localização, nome de pessoas envolvidas nos acontecimentos – sobre as transformações do tempo curto, como também cria verdades a partir de fantasias do imaginário, quase sempre produzidas por frações da classe dominante.

Para analisar as imagens, tem-se em conta o que afirma Flüsser (2002). Para o autor, o fator decisivo no deciframento de imagens é tratar-se de planos: o significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captado por um golpe de vista. No entanto, tal método de deciframento produzirá apenas o significado superficial da imagem. Quem quiser “aprofundar” o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à sua vista vaguear pela superfície da imagem.

Esse vaguear pela superfície é chamado, pelo autor, de scanning. Nesse sentido, Flüsser (2002) entende que o traçado dessa prática segue a estrutura da imagem, mas também os impulsos no íntimo do observador, nesse sentido, o significado decifrado por este método será, pois, resultado de síntese entre duas “intencionalidades”: a do emissor e a do receptor. O autor conclui que imagens oferecem aos seus receptores um espaço interpretativo, ou seja, símbolos “conotativos”.

Corpo, gênero e sexualidade: referenciais teóricos para a compreensão do estudo

Estudos históricos relacionados a gênero, corpo e sexualidade são frequentes na atualidade. Este estudo, especificamente, propõe-se a compreender como historicamente se dava a diferenciação e a formação da corporeidade do feminino e do masculino a partir de ideários binários relacionados a gênero e sexualidade. O contexto em que tal estudo se desenvolve é nas primeiras décadas do século XX.

Deve-se ter em conta que o entendimento de tais significações limita-se pelos documentos estudados, tendo em vista que uma análise global dessas conceituações viria a requerer o acesso a uma documentação muito mais ampla. Nesse sentido, o presente estudo limita-se a uma abordagem de como concepções de corpo, de gênero e de sexo eram veiculadas na imprensa, tanto de circulação nacional, como regional.

Para a sua realização, no entanto, foi necessário definir quais referenciais teóricos pautariam as categorias principais, com o intuito de embasar a investigação. Inicia-se com as concepções de gênero, as quais basearam-se em Scott (1995). Conforme a autora:

Na gramática, o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que torna possíveis distinções ou agrupamentos separados.

Na sua utilização mais recente, o termo "gênero" parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade (SCOTT, 1995, p. 72).

Salienta-se que o presente estudo, a partir das afirmações de Scott, compreende gênero como uma construção social e cultural, a qual não se embasa em características biológicas, mas foi historicamente construída a partir de relações sociais. A autora destaca, também, que o termo "gênero" também pode designar as relações sociais entre os sexos, pois rejeita explicações biológicas deterministas, tais como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina.

Torna-se relevante mencionar que, ainda segundo a autora, o termo "gênero": “[...] além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro” (SCOTT, 1995, p. 75). A autora segue: “Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino”.

Scott (1995) enfatiza que essa utilização da ascepção de gênero sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetuaria o mito de que existem diferentes esferas e de que a experiência de um sexo, teria pouca relação com o outro. Nesse sentido, deve-se ter em conta que o estudo do feminino pressupõe uma relação com o masculino. Sendo assim, ao estudar o corpo e o gênero nas primeiras décadas do século XX, tem-se a compreensão do que era entendido como socialmente correto para o feminino e para o masculino.

Com relação ao estudo da sexualidade e sua relação com o gênero:

Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. Ainda que os/as pesquisadores/as reconheçam a conexão entre sexo e aquilo que os/as sociólogos/as da família chamaram de "papéis sexuais", esses/as pesquisadores/as não postulam um vínculo simples ou direto entre os dois (SCOTT, 1995, p. 75-76).

Torna-se imprescindível destacar que, conforme a autora: O uso de "gênero" enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade (SCOTT, 1995, p. 75-76).

Scott menciona os estudos de Catherine MacKinnon, a qual compreende que a sexualidade encontra-se vinculada ao feminino, assim como o trabalho ao marxismo. Nesse sentido, Scott destaca a afirmação de MacKinnon que entende que a sexualidade é o que mais pertence ao feminino, ao mesmo tempo em que é o que mais lhe é subtraído.

Maurice Godelier *apud* Scott:

[...] não é a sexualidade que assombra a sociedade, mas antes a sociedade que assombra a sexualidade do corpo. As diferenças entre os corpos, relacionadas ao sexo, são constantemente solicitadas a testemunhar as relações sociais e as realidades que não têm nada a ver com a sexualidade. Não somente testemunhar, mas testemunhar para, ou seja, legitimar (1995, p. 89).

Com relação ao corpo, autores como Vigarello (2011) indicam que o início do século XX caracterizou-se pelo “triunfo definitivo do exercício “construído”, o de movimentos sistematizados, mecânicos e precisos, controlados com o único objetivo de aumentar os recursos físicos” (p. 199). O autor acredita que independente das oposições e querelas entre as diferentes correntes que se instituíam na área, propunham-se exercícios que visavam a educação do corpo: “[...]o corpo seria educado de acordo com um código analítico de progressão, músculo após músculo, parte após parte” (VIGARELLO, 2011, p. 199).

As fotografias que retratam práticas de Educação Física permitem o estudo das representações ideais de corpo e gênero presentes na sociedade no recorte temporal selecionado. Em primeiro lugar, faz-se necessário remeter às propostas higienistas bastante recorrentes durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Tais práticas inserem-se tanto no contexto de higiene física, como no de higiene moral.

Destaca-se que a compreensão de gênero, corpo e mesmo sexualidade com base no estudo da corporeidade por meio das imagens a que se propõe analisar encontram-se relacionadas aos ideais de civilidade presentes nas atividades retratadas. Trata-se de uma proposição ideal de corpo e sexualidade, pautada em propostas higienistas e conformadas com propostas binárias de gênero.

Imagens de Educação Física: corpo, gênero e sexualidade

A imprensa ilustrada teve muito espaço nas primeiras décadas do século XX. Um número elevado de revistas circulou tanto em esfera nacional, como local. Essa pluralidade influenciava, também, o formato e os temas de interesse das publicações. Inúmeras delas dedicavam-se a abordar assuntos do cotidiano e, entre as fotografias que incluíam em suas publicações, grande parte retratava a modernidade urbana.

A educação foi tema recorrente entre os intelectuais desse período, notadamente pelo que Nagle denominou de otimismo pedagógico e entusiasmo pela educação, os quais consistiriam na compreensão da educação, notadamente primária, como um meio para a solução de determinados problemas nacionais. Fotografias de inauguração de escolas e de algumas práticas escolares passaram a figurar na imprensa, dividindo espaço com as fotografias de prédios urbanos e de outras festividades. O presente estudo propõe-se a estudar imagens relacionadas à Educação Física e compreender as noções de corporeidade presentes no período entre 1920 e 1930.

O ideal de feminilidade e beleza encontra-se presente, por exemplo, na Figura 1. Essa imagem, publicada na Revista Fon Fon número 33, de 1926, faz parte de um conjunto de três fotografias que foram publicadas em uma única página: a primeira das três fotografias (Figura 1) referia-se a uma apresentação das alunas do Grupo Delphim Moreira, de Juiz de Fora, as quais executavam a marcha da Aida, por ocasião das festas comemorativas do 14 de julho; a segunda retratava, também, outro número do programa de comemorações da mesma data, o qual executava “Gioconda”; a terceira (Figura 2), dedicava-se à apresentação de ginástica rítmica com bastão, realizada pelos alunos do terceiro ano, do mesmo Grupo, em homenagem ao senador Antônio Carlos².

Faz-se necessário destacar que, das três imagens, apenas uma não é identificada como ginástica rítmica em sua legenda. Entretanto, pode-se identificar visualmente uma clara diferença entre as atividades presentes na Figura e as atividades físicas retratadas na Figura 2.

² O Senador Antônio Carlos Ribeiro de Andrada foi um político mineiro que atuou tanto como senador, como deputado federal.

Figura 1 - “Alumnas do Grupo Delphim Moreira, de Juiz de Fóra, executando a “Marcha da Aida” interessante gymnastica rythmica, por ocasião das festas commemorativas do 14 de julho realizadas naquella cidade mineira”



Fonte: Revista Fon Fon, n.33, 1926. Biblioteca Nacional do Brasil.

A Figura 1 retrata apenas pessoas do sexo feminino. São, ao todo, quinze meninas, das quais onze formam um semicírculo, enquanto quatro se dispunham em posição central, no formato de losango. Trata-se de uma fotografia bastante simétrica, a qual retratava uma atividade de cunho artístico e cujo posicionamento das jovens também era simétrico. Todas as meninas carregam na mão o mesmo instrumento e trajam roupas que apresentam a temática egípcia, contexto em que a ópera Aida é ambientada. Todas as meninas estão descalças. Como mencionado anteriormente, a atividade é identificada como ginástica rítmica, entretanto, ao observar a fotografia, a característica teatral é a que se destaca.

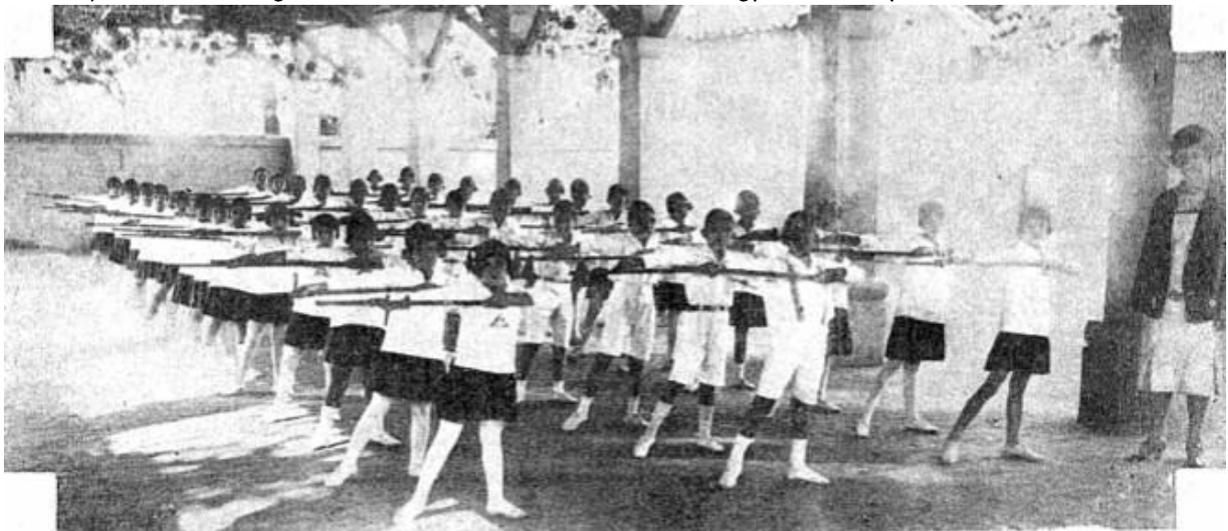
A Figura 2, entretanto, diverge em diversos elementos. Em primeiro lugar, ainda que seja identificada como ginástica rítmica, ela não apresenta os elementos de teatralidade presentes na Figura apresentada anteriormente. Destaca-se que, nessa imagem, o grupo é retratado trajando os uniformes escolares. Em segundo lugar, ao contrário da outra atividade que aparentemente foi realizada apenas por estudantes do sexo feminino, essa atividade conta com estudantes de ambos os sexos. Em terceiro lugar, verifica-se a presença da professora, Figura ausente nas imagens do mesmo grupo.

Faz-se necessário lembrar que a legenda dessa fotografia traz uma dubiedade: a mesma parece indicar que o retrato foi produzido durante às homenagens ao senador Antônio Carlos, no Rio de Janeiro. Entretanto, é possível que esse grupo tivesse viajado para a capital para integrar as comemorações, mas a fotografia, retrataria os mesmos no âmbito das comemorações de 14 de julho, na esfera escolar. Destaca-se que o muro, ao fundo, bem como as colunas à direita, são semelhantes aos retratados na Figura 1.

Na Figura 2, os alunos dispunham-se em três fileiras, formadas em média por 13 estudantes. As fileiras laterais são constituídas por meninas, enquanto a fileira central, é formada por meninos. Os uniformes escolares são distintos conforme o gênero: as meninas usam saia, blusa e gorro ornado; os meninos usam camisa e bermuda. A diferenciação dos uniformes (uma característica da época em praticamente todo o território nacional) e a divisão em fileiras distintas representam, também, a divisão por gênero.

A própria ausência dos meninos nas imagens anteriores também indica as perspectivas para cada sexo durante as primeiras décadas do século XX. Destaca-se que a presente fotografia, cuja legenda indica uma homenagem a um senador da República constitui-se em uma forma de incitar na infância e na juventude o respeito às autoridades estabelecidas. Além disso, atua no sentido de valorizar políticos da região que atingem renome nacional.

Figura 2 - “Os alumnos do terceiro ano do mesmo Grupo, que se acha no Rio, onde veio tomar parte dos festejos em homenagem ao senador Antonio Carlos, numa gymnastica rythmica executada com bastão”



Fonte: Revista Fon Fon, n.33, 1926. Biblioteca Nacional do Brasil.

A Figura 3 faz parte de um grupo de três fotografias, as quais estão dispostas na mesma página. A primeira imagem retrata a mesa que presidiu a solenidade de inauguração da biblioteca infantil, oferecida à Escola Delfim Moreira, pelo Rotary Club. A segunda, referia-se à diretora e um grupo de alunas no espaço da biblioteca recém inaugurada. Por fim, a Figura 3, trata-se de uma fotografia produzida na parte externa da escola e refere-se a uma apresentação das alunas, as quais realizavam exercícios físicos, em comemoração à inauguração da biblioteca.

Algumas dúvidas se colocam sobre esse grupo de imagens: em primeiro lugar, questiona-se se realmente trata da mesma escola que foi foco de fotografias no número 33 da mesma revista. Em segundo lugar, é mencionada apenas a presença de alunas, porém, na Figura 3 é possível perceber a presença de meninos, ainda que em número menor. Essa presença indica para o fato de que se trata de uma escola em que ocorre a coeducação, ou seja, uma escola mista.

Essa imagem destaca-se, também, pelo fato de que a mesma não apresenta a mesma rigidez simétrica presente nas fotografias contemporâneas e que representam exercícios físicos e atividades de Educação Física. Os alunos estão dispostos em fileiras, entretanto elas desalinham-se em alguns momentos. Além disso, a maioria levanta lenços nas mãos, enquanto outros não o fazem. A falta de padronização dos uniformes atua no sentido de uma fotografia pautada não pela informalidade completa, tendo em vista que os padrões persistem, mas que apresenta elementos de informalidade ou que, aproxima-se mais de elementos da cotidianidade, embora retrate uma comemoração, um evento.

Figura 3 - “As alumnas em exercícios físicos, após a inauguração, sábado á tarde”



Fonte: Revista Fon Fon, n.40, 1926. Biblioteca Nacional do Brasil.

Destaca-se a superioridade do número de meninas (ao menos nas primeiras fileiras) em relação ao de meninos. Tal imagem pode indicar para o grande contingente de meninas que ingressava no ensino primário (mas que muitas vezes não acediam ao secundário e ao superior pelas limitações sociais para o gênero feminino). Outro elemento importante é como o uniforme, que frequentemente é utilizado com o intuito de padronizar, deixa transparecer pelos detalhes, tais como calçados, meias e estado do próprio uniforme.

A educação e a higiene estavam estreitamente relacionadas, como pode ser verificado na inclusão da temática higiene escolar como um incremento do ensino. Higiene e moral constituíam dois aspectos de uma mesma problemática, tendo em vista que a higiene do corpo atuava significativamente para representar a higiene do caráter.

Dessa forma:

Uma educação física, intelectual e moral da mocidade, com a finalidade de possibilitar ao espírito todas as noções necessárias para melhor garantir a ordem, se colocou como central para que todos os homens tivessem consciência de seu papel social. Em outras palavras, a educação foi vinculada à formação do cidadão (CORSETTI, 1997, p.167).

Entretanto, a Figura 4, publicada na Revista *Ilustração Pelotense*, em 1919, apresenta uma singularidade, retrata as atiradoras do *Gymnasio Pelotense*. As jovens, estudantes de uma instituição de ensino que foi municipalizada nesse período. Trata-se de uma instituição mista, na qual as meninas podiam aceder o ensino secundário e estudar conjuntamente com os meninos. A fotografia, entretanto, indica para o fato de que a prática de tiro seria realizada separadamente.

A Figura 4, retrata, ao centro, o instrutor, vestido com trajes militares. Em duas fileiras, dispõem-se nove estudantes, sendo que vemos duas sentadas do lado direito e duas do lado esquerdo do instrutor. Na fileira de trás, cinco jovens apresentam-se de pé, sendo que duas, assim como o seu preceptor, vestem trajes militares.

Figura 4 - “As disciplinadas atiradoras do *Gymnasio Pelotense* e seu dedicado instructor”



Fonte: Revista *Ilustração Pelotense*, 1919. Bibliotheca Pública Pelotense.

A Figura 4 encontra-se, também, disponível no Museu do Ginásio Municipal Pelotense, a qual é identificada como: “Equipe feminina de tiro ao alvo, em 1919”. Além disso, as integrantes e o integrante da imagem são identificados: Celina F., Arzelinda, Isbella, Chrysallida C., Alda E., Maria L., Sylvia S., Instructor Sr. Aldrovando Leão, Lucia e Helena. De acordo com Pinto (2015), competições femininas em ambiente militar constituíam-se em raridade, nesse período. O autor, inclusive, relaciona esse diferencial à presença de alunas no mesmo ambiente educacional que os alunos de sexo masculino, o que teria favorecido este acontecimento.

Essa imagem demonstra um conflito entre o ideal de feminino presente no período e a atividade retratada. A maior parte das jovens encontra-se vestida conforme os padrões da época.

Trajam vestidos, usam chapéus, seus sapatos e meias são delicados. Por outro lado, as duas jovens que vestem os uniformes militares se contrapõe ao ideal de fragilidade feminino, ao ideal de mulher circunscrita à esfera doméstica como bem retrata Perrot (1998).

As secundaristas, entretanto, não foram retratadas nas aulas de tiro, no ambiente externo, mas em uma das salas da escola em que estudavam. Tampouco estavam presentes as armas que as mesmas utilizavam nessas aulas de tiro. Logo, essa imagem permite um pequeno avanço no que tange às roupas das jovens fardadas, porém, uma ruptura com o padrão de feminino não ocorre, tendo em vista que armas não estão presentes no retrato e que a maior parte das jovens é retratada com vestimentas socialmente aceitas para o sexo feminino.

A fotografia apresenta, ainda, uma bandeira ao centro (ainda que a qualidade da imagem não permita a sua identificação, acredita-se que seja a bandeira nacional). Essa bandeira, bem como a distribuição das fileiras confere o equilíbrio simétrico presente nas fotografias das primeiras décadas do século XX.

Percebe-se que Educação Física e civismo eram elementos que atuavam conjuntamente no sentido de promover a higiene social e de divulgar determinados valores. Além disso, a Educação Física foi amplamente utilizada em comemorações com o intuito de promover valores, também, para os expectadores.

Considerações finais

As fotografias permitem vislumbrar a representação de um ideal de corpo, o qual está claramente distinto entre o que é esperado para o corpo masculino (virilidade, força) e o para o corpo feminino (delicadeza, recato). A Educação Física esteve estreitamente relacionada às práticas disciplinadoras presentes no âmbito educacional. Destaca-se que as fotografias utilizadas na presente investigação, a qual se encontra em fase de desenvolvimento, foram extraídas de periódicos de circulação regional ou nacional. Ao utilizar-se esse tipo de imagem como fonte de pesquisa, deve-se ter em conta que as mesmas foram produzidas com o intuito de terem uma circulação ampla, além das fronteiras do espaço escolar.

As imagens encontradas na imprensa estão presentes de ideais: feminino e masculino, disciplina, respeito à autoridade, higiene física. A análise de tais fotografias permite compreender como se dá a construção social e cultural de gênero e sexualidade, conforme entende Scott. Longe de tratar-se de um determinismo biológico, as revistas ilustradas divulgavam a concepção oficial de um binarismo que opunha homens e mulheres, meninos e meninas. Cada uma era representado conforme um papel social específico.

Pode-se perceber que existe uma série de semelhanças entre as fotografias publicadas na imprensa de circulação local/regional e as publicadas no periódico de circulação nacional. Em geral, meninos e meninas utilizam vestimentas diferenciadas. A separação por gênero, tendo este uma relação estreita com sexo biológico, ainda se encontrava muito presente nas atividades. Destaca-se,

ainda, que a Educação Física, além de atuar no sentido de higienizar o corpo e a mente, possuía uma função cerimonial.

Nesse sentido, entende-se que a disciplina de Educação Física foi um espaço diferenciado para inculcar valores sociais que reforçavam o binarismo, bem como se estrutura em papéis sociais de gênero fortemente estruturados a partir de uma sociedade patriarcal.

Referências

- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.
- CORSETTI, Berenice. *O poder em migalhas – a escola no Rio Grande do Sul na Primeira República*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1997.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002 (Conexões; 14).
- LINS, Vera. Em revistas, o simbolismo e a virada do século. En: OLIVEIRA, Cláudia de. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- MAUAD, A. M. Olhos para ver e conhecer: fotografia e os sentidos da História. In: GAWRYSZEWSKI, A.. *Imagem em debate*. Londrina: Eduel, 2011.
- MICHELON, Francisca Ferreira; SCHWONKE, Raquel Santos. *Retratos de uma cidade & catálogo de fotografias impressas 1913/1930*. Pelotas: Ed. e Gráfica Universitária, UFPel, 2008.
- NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PINTO, Genivaldo Gonçalves. *Manifestações da cultura militar no espaço educacional brasileiro na primeira república: o contexto de Pelotas-RS*. Tese. PPGE, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2015.
- REVISTA FON FON, n.33, 1926. Biblioteca Nacional do Brasil.
- REVISTA FON FON, n.40, 1926. Biblioteca Nacional do Brasil.
- REVISTA ILLUSTRACÃO PELOTENSE, 1919. Bibliotheca Pública Pelotense.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, 20 (2), jul./dez.1995, p.71-99.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. As distintas retóricas do moderno. In: Oliveira, Cláudia de. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- VIGARELLO, Georges. Treinar. En Alain Corbin (Ed). *História do corpo: As mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2011.

Maria Augusta Martiarena de Oliveira é Doutora e Pós-Doutora em Educação. Professora de História no Campus Osório e do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica no Campus Porto Alegre do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS. E-mail: martiarena.augusta@gmail.com.

Rita de Cássia Grecco dos Santos é Doutora em Educação. Professora do Instituto de Educação e do Programa de Pós-graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande – IE e PPGH-ICHI/FURG. E-mail: ritagrecco@yahoo.com.br.